

Relatório da Direcção
(Exercícios de 1979-1980-1981)

6 de Maio
Bertrand
39 F. de Maio

II - Nos termos das disposições legais e estatutárias que fundamentam a vida da Empresa, mas condicionados por factores muito sérios da sua sobrevivência, só agora, submetemos à apreciação e votação dos presentes o Relatório e Contas dos Exercícios de 1979, 1980 e 1981.

Os Exercícios referidos informados à base dos respectivos Balanços, são apresentados em conjunto e esquematicamente por falta de organização, de meios e de capacidade operativa, que impediram uma gestão normal e também o cumprimento do calendário do estatuto social da Empresa.

Assim:

A) - As medidas concebidas para relançar a Empresa falharam uma após outra, no decurso destes últimos quatro anos, como reflexo das condições económica e política vigentes;

B) - A actividade editorial e redactorial da SEARA NOVA reduziu-se gradualmente até deixar praticamente de existir, devido ao pesado lastro passivo herdado das gerências anteriores;

C) - Por último, a concessão de uma moratória solicitada pela SEARA NOVA à Banca, acabou por cair na estagnação, depois de dois anos, entre avanços e recuos.

Já em meados de 1981, lançou-se um apelo aos democratas de todos os quadrantes e à sua sensibilidade para a dramática situação em que se achava a SEARA NOVA, cujo título se queria salvar a todo o custo, e bem assim a publicação da Revista.

Neste sentido e salientando o carácter especial da SEARA NOVA, de instituição cultural e cívica por excelência, escreveram Piteira Santos e Cecília Barreiro, no Diário de Lisboa, Baptista Bastos, no Ponto, o Jornal de Noticias do Porto, o Diário Popular, a Rádio na Antena 1, pela voz do próprio director da Revista, etc.

Campanha-apelo destinada a sensibilizar também, a administração do Banco Fonseca & Burnay, a qual detinha nas suas mãos o processo de moratória movido pela SEARA NOVA, sem que se lhe tenha dado qualquer desenvolvimento significativo.

Para além deste apelo e dos números simbólicos que se publi

2
caram pelos seus 60^o ^{e 61^o} aniversários da SEARA NOVA (para garantia do título), e do desgosto que ficou nos corações de muita gente, ^{por} mixto de impotência da parte da Administração e de indiferença dos poderes públicos, tudo ficou na mesma.

II - O empenhamento desta gerência, que logo de princípio tomou consciência da situação de pré-falência, centrou-se sobre duas grandes frentes: a) na recuperação da Empresa e b) na defesa da imagem e publicação da Revista.

Salvar esta publicação mensal e a sua mensagem crítica, cultural e progressista, foi o motivo determinado que levou os novos membros dos corpos sociais da SEARA NOVA a aceitar esta difícil tarefa.

30 É evidente que o vultoso passivo existente em 1979 da ordem dos dez mil contos e as responsabilidades inerentes em relação a terceiros marcaram a vida desta gerência desde os primeiros dias das suas funções, constituindo para ela um autêntico desafio à sua imaginação e competência, mas que exigiria desde logo apoio logístico suficiente, pessoal competente e um mínimo de meios financeiros para dar resposta às pressões crescentes que vinham dos credores-fornecedores e da Banca.

Acontecia, porém, que os elementos desta Gerência, ligados à anterior Administração, foram avalistas ou adiantaram dinheiro em operações da Empresa durante essa gestão passada, os quais, por isso, contraíram responsabilidades em nome individual por dívidas da Empresa.

Trata-se de uma situação muito respeitável que se deve ter em conta, gerada em condições críticas de gestão, mas que marcou muito particularmente o comportamento desses gestores quanto a objectivos e nas suas relações entre si, preocupados que estavam com as responsabilidades contraídas da anterior gerência, e das quais se queriam libertar.

Esta situação engendrou e acelerou os seguintes factos:

A) - Fez transferir a parte imediatamente rentável da Empresa, os seus "Textos Literários" para uma conta de participação editorial, esta inserida na gestão da "Espiral", que por sua vez era credora da SEARA NOVA;

B) - Fez passar para ali o Administrador Executivo da SEARA NOVA, privando esta de um funcionário responsável, ao mesmo tempo que a sua actividade e motivações passaram a inclinar-se para a "Espiral" (Coedição SEARA NOVA/Comunicação), descurando os objectivos e interesses da SEARA NOVA;

C) - A melhor funcionária no quadro editorial, qu

trabalhava na Empresa, também foi para aquela Coedição, agravando a situação da Empresa, que ficou desprovida do único empregado que conhecia tal serviço;

D) - A ausência destes colaboradores em lugares: chaves e as dificuldades financeiras, ameaçaram a segurança do restante pessoal, provocando a sua gradual saída, que em 1980, já contavam apenas onze, e, em 1981, cinco, dois dos quais em situação de licença sem vencimento;

E) - No final de 1981, actuava na Empresa apenas um, o mais antigo funcionário da SEARA NOVA, que aproveitando, a confiança que lhe merecia a Administração, e por falta de um mínimo de controle, vinha praticando desvios em dinheiro, que desde 1979, se estimou somarem cerca de 450 contos. A Empresa teve de o despedir.

III - O plano de relançamento que a nova Gerência trazia para recuperar a Empresa, baseava-se em cinco pontos fundamentais:

A) - Aumentar o capital social de 200 contos para um "plafond" de cinco mil contos;

B) - Pedir um empréstimo à Caixa Geral de Depósitos no valor de cinco mil contos;

C) - Sanear o Balanço, tendo em conta o processo inflacionário e actualizar e valorizar o inventário;

D) - Explorar o mercado livreiro africano de língua oficial portuguesa, os mercados brasileiro e dos núcleos de emigração da Venezuela e Canadá, com vista a escoar a volumosa existência de livros em "stock";

E) - Racionalizar a exploração da Empresa no sentido de reduzir os custos e aumentar a sua competitividade.

Finalmente havia mais um conjunto de medidas adicionais apontadas para a produção editorial, mas ajustadas às novas condições sócio-políticas do país, e reformular a Revista SEARA NOVA, no sentido de servir melhor a unidade democrática e de actualizá-la dentro da continuidade oposicionista, como era aconselhável.

A.) - No que concerne ao primeiro ponto, logo nos primeiros contactos com a realidade da Empresa, se verificou que não haviam condições para lançar com êxito um pedido de aumento de capital em virtude

de, no ano anterior, com a Administração anterior, se ter procedido a igual pedido, o qual, por ter sido mal conduzido, não resultou, afectando negativamente a imagem da SEARA NOVA e a credibilidade da sua Administração. O apelo da actual Administração, dirigido aos democratas para tal efeito, no qual se depositava agora tanta esperança, foi por isso, suspenso.

B.) - Quanto ao pedido formulado pela Gerência à Caixa Geral de Depósitos, por falta de garantias imobiliárias e de equipamento, aquela Instituição de Crédito recusou o empréstimo solicitado, reflectindo a insensibilidade e a política restrictiva de crédito do Governo, que reduzia a SEARA NOVA a uma Empresa lucrativa qualquer.

Tentou-se de seguida o processo de viabilização económica no quadro do apoio às pequenas e médias empresas, mas este exigia tantas provas, informação e documentação que deu tempo, entretanto, a que a Lei que lhe dava um certo apoio, fosse alterada, e, aí, fomos desanimados a prosseguir, pelas condições particulares que caracterizavam a SEARA NOVA como Empresa, que não se ajusta por certo ao modelo da "iniciativa privada".

Em finais de 1980, iniciamos o processo de moratória bancária, através do qual a SEARA NOVA poderia aliviar a pressão das responsabilidades a curto prazo e distribuir estas pelo tempo, por um certo período, sustendo assim a acção da Banca e negociar em vantagem com os credores-fornecedores, permitindo assim, pensar-se poder reiniciar a actividade editorial da Empresa.

Foi "leader" por parte dos bancos neste processo o Banco Fonsecas & Burnay, nosso principal credor bancário. Dois anos aproximadamente se demorou o entendimento entre ambas as partes, sem que do lado da Banca se dissesse definitivamente o não.

Mas as penhoras, entretanto, estavam em cima da Empresa. Não havia já qualquer capacidade de res-

posta da parte da SEARA NOVA.

C.) - Em relação ao terceiro ponto, por falta de uma gestão competente, as contas da Empresa não reflectiam a inflação, o seu activo estava sub-avaliado, em particular o fundo livreiro, e o capital social não tinha sentido em função do volume e valor das operações, revelando a falta de uma contabilidade devidamente informada e um inventário actualizado.

Verificou-se também que não se pagavam as contribuições à Caixa de Previdência, às Finanças, à Estatística, etc. etc., pelo que começaram a cair sobre a SEARA NOVA, multas por faltas cometidas nos anos de 1975, 76, 77, etc.

D.) - No que se refere ao escoamento dos "stocks" em livros para Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné, Brasil e Venezuela, fez-se tudo quanto era possível para conseguir esse objectivo. Neste sentido foram visitados e contactados os serviços respectivos desses países, aproveitando os representantes da SEARA NOVA, para o efeito, as deslocações e facilidades de outras missões a esses países. Entre 1979 e 1980, as dificuldades económicas e financeiras da África de expressão oficial portuguesa eram enormes e as divisas de que dispunham eram mínimas.

Além desta difícil situação, a falta de capacidade operacional dos serviços dessas nações era notória e não animavam operações deste género. Os livros vendidos nessa altura e nessa área foram, por isso, muito poucos.

No Brasil, onde vendemos a um antigo cliente da SEARA NOVA alguns livros no valor de perto de 450 contos, tivemos de suportar até agora a falta do seu pagamento, e já vão decorridos cerca de três anos após essa operação, embora o cliente não deixe de afirmar em relação aos nossos apelos de que quer honrar os seus compromissos.

E.) - Quanto à racionalização dos serviços da Empresa, a situação encontrada não se apresenta de molde

a ser superada.

Em 1978, a folha de salários registava 23 empregados na Seara Nova, o que era um exagero para o tamanho e volume de operações da Empresa.

O redimensionamento da Empresa, a organização do serviço comercial e, em particular, a contabilidade reclamavam tratamento adequado e urgente, que as condições gerais da Empresa, no entanto, não consentiam, por falta de dinheiro e de organização e devido também ao seu esvaziamento de actividades, agravadas estas com frequentes fricções entre o administrador executivo e o pessoal em geral, o qual a partir de 1977, teve dificuldades em receber regularmente os seus salários, tal como o citado administrador executivo, ficando, em certa altura, privados algumas vezes, do seu ordenado.

Neste contexto, de mau funcionamento da Empresa, a conta de comparticipação entre a Seara Nova e a Comunicação, que entrou a funcionar em 1979, só muito recentemente, 3 do corrente, depois de muitas insistências, a Seara Nova foi informada do seu movimento, através de um grande "dossier", que não foi apreciado devidamente por falta de tempo, como é óbvio.

A Seara Nova foi pura e simplesmente ignorada da gestão desta Conta da Coedição, com procedimentos unilaterais, sem, de facto, ter a participação da Seara Nova.

Esta empresa não sabia sequer que os administradores e contabilista da Editorial Comunicação, contraparte da Seara Nova, assim como desconhecia de que a partir de certo momento aquela se separou da "Espiral", com a qual a Seara Nova celebrou o Acordo de Coedição.

IV - O Relatório Técnico que juntamos é revelador da situação em que se encontra a contabilidade da empresa, e oferece-nos indicadores como essa actividade foi processada pelos respectivos serviços da empresa, nos anos de 1976, 1977, 1978, 1979, 1980 e 1981.

Pelas deficiências registadas, os últimos balalços e resultados apresentados, não merecem total confiança.

Os números constantes dos balanços em referência, mostram na sua fria linguagem, agravamento tendencial do seu Passivo, exprimindo claramente a falência técnica da empresa, aliás, já reconhecida no próprio acto de posse da actual Gerência, em 1978.

Gerência que só foi possível devido à militância de alguns e à posse de um projecto de recuperação da empresa, que se julgava resultar mas que fracassou, ponto por ponto, destruindo a última esperança em derradeiro esforço seareiro.

Para finalizar, salienta-se que a situação líquida da empresa já vem sendo negativa desde 1975.